



# PAISAGEM ARQUITETÔNICA E CONSTRUÇÃO COM TERRA NA VILA DE CAMPOS DE SÃO JOÃO, CHAPADA DIAMANTINA, BRASIL

Daniel Pinheiro Santos<sup>1</sup>, Caio Martins Caires<sup>2</sup>, Marco Antônio Penido de Rezende<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, <sup>1</sup>danielpinh@ufmg.br; <sup>3</sup>marcorezende@ufmg.br

<sup>2</sup> Cobi – Arquitetura Orgânica e Engenharia, Brasil, vivacobi@gmail.com

**Palavras-chave:** sustentabilidade, arquitetura popular, adobe, técnica mista, arquitetura de pedra

## Resumo

A Chapada Diamantina apresenta-se com uma região de estrita importância econômica, ecológica, histórica, turística e social para todo o contexto que engloba o bioma Caatinga. Berço de uma arquitetura vernácula peculiar, o uso da pedra como técnica construtiva aliada a técnicas de construção com terra, como adobe e técnica mista, permitem um cenário paisagístico singular e tradicional, que representa a consolidação dos saberes populares e das culturas ancestrais, massivamente influenciada pela atividade do garimpo diamantífero. Neste sentido, este trabalho buscou, a partir da inserção periódica no cotidiano da vila de Campos de São João, o registro e análise dos aspectos da arquitetura vernácula local, sob um viés multidisciplinar, aliada ao relato da experiência da construção de uma edificação a partir técnicas de construção com terra tradicionais e modernas na vila, com apoio de colaboradores locais, buscando fomentar o resgate pelo interesse e valorização da arquitetura de terra e dos saberes populares. Os resultados evidenciaram a importância na atuação da comunidade acadêmica e atores locais, quanto ao engajamento por desenvolver pesquisas e projetos voltados para as necessidades e dinâmicas de tais regiões, no sentido de promover a conscientização e valorização do patrimônio, permitindo um crescimento urbano planejado e organizado, priorizando a preservação das tradições e riquezas naturais, paisagem cultural e arquitetônica da vila.

## 1 INTRODUÇÃO

“Construções, assim como poemas e rituais, realizam cultura” (Glassie, 1990, p. 21). Contextualizada em tal afirmação, a Chapada Diamantina apresenta-se como uma região onde as diversas influências locais – históricas, políticas, geográficas, geológicas, climáticas, naturais e culturais – apresentam-se de maneira especialmente afloradas e marcantes na composição da arquitetura vernácula, por particularidades e características peculiares construídas e consolidadas paralelamente ao seu povoamento, abruptamente incentivado pela atividade garimpeira. Nesse contexto, é possível identificar construções vernáculas sem muito aprofundar-se no próprio conceito que abrange a expressão, uma vez que a própria paisagem carrega por entre as robustas construções sob, sobre e ou com pedras, rodeada pela vegetação exuberante do bioma Caatinga, toda carga histórica inerente à trajetória da região, fortemente marcada pela herança exploratória e escravista.

“Toda arquitetura é a incorporação de normas que preexistem a própria existência das construções, cujas tradições vernáculas são caracterizadas por uma estreita correlação entre o entendimento dessas normas por arquitetos, construtores e usuários” (Glassie, 1990, p. 21). Portanto, a compreensão dos fatores que influenciam as percepções da arquitetura vernácula permite aos responsáveis pelo ambiente construído produzir e implementar estratégias apropriadas. Por outro lado, a perda da herança e das habilidades vernáculas – correlatas ao discurso arquitetônico – apresenta-se como um problema contínuo que envolve a perda da identidade cultural, tradição e equidade social (Frescura, 1981; Sawyer, 1992 *apud* Bosman; Whitfield, 2015). Nesse enredo, a busca pelo aprofundamento, entendimento e caracterização da arquitetura vernácula da Chapada Diamantina apresenta-se como uma iniciativa relevante para a manutenção do patrimônio local, assim como na concepção do ambiente construído, objetivando a permanência das tradições e atores em

comunhão com as novas dinâmicas que envolvem o desenvolvimento turístico e por consequência econômico da região.

Não por acaso, a vila de Campos de São João, no estado da Bahia, apresenta uma influência ainda incipiente desses fatores externos quando comparada com outras vilas vizinhas e de características estéticas similares. O povoamento da região e interesse econômico – ainda que de maneira incipiente - têm causado algum desequilíbrio demográfico, estrutural e principalmente, sócio-cultural, alterando consideravelmente a paisagem local. Estima-se que este movimento seja influenciado pela urbanização turística, especulação imobiliária e ocupação indevida de áreas protegidas, em detrimento da preservação cultural e do aspecto bucólico e interiorano de outrora (Oliveira e Carvalho, 2016).

Dessa forma, este estudo objetiva realizar um levantamento inicial dos tipos habitacionais presentes no entorno da vila e analisá-las. Concomitantemente, propõe explicitar o relato na experiência do resgate no uso de técnicas de construção tradicionais na região – adobe e técnica mista<sup>1</sup> – além de outras técnicas de construção com terra contemporânea, durante a execução de uma edificação para realização de atividades sociais pedagógicas para uma ONG local.

A preservação da paisagem cultural e histórica da Chapada Diamantina apresenta uma importância sem precedentes para todo o contexto socioambiental, arquitetônico e econômico para a região. Os saberes populares, que se estendem por diversos parâmetros e setores na conjuntura urbanística local, são fundamentais para a manutenção e preservação do patrimônio vernáculo edificado. A perpetuação desses saberes para as demais gerações, permite a continuidade do processo adaptativo-evolutivo das técnicas vernáculas como a adoção a apropriação das técnicas de construção com terra contemporâneas de forma orgânica, contínua e natural, em cada contexto inserido.

## 2 ARQUITETURA VERNÁCULA NA CHAPADA DIAMANTINA

A Chapada Diamantina representa um ecossistema ímpar de estrita relevância para o meio ambiente e biodiversidade do bioma Caatinga. Localizada na parte centro-leste do Brasil e centro do estado da Bahia, é um dos domínios onde aflora no Supergrupo Espinhaço, do éon Proterozóico (Silva, 1994). Inserido neste sítio, encontra-se o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), criado em 1985, com objetivo de proteger amostras representativas da Serra do Sincorá, uma das feições que compõem a Chapada Diamantina, cuja sede está localizada no município de Palmeiras-BA.

A mineração marcou profundamente as primeiras grandes povoações da Chapada. Com a descoberta do diamante em 1844, instaurou-se um fluxo intenso de migrações dentro e fora da província para aqueles confins, como registra Martins (2015), transformando de forma atípica sua paisagem natural e cultural. Influenciados por este processo, os núcleos urbanos passaram a adotar predomínios arquitetônicos a partir de casarios e sobrados de estilo colonial português em detrimento das barracas cobertas de palhas, ranchos de alvenaria e pedra seca, tocas ou locas – grutas naturais, transformadas em habitações temporárias - nas quais abrigavam os primeiros garimpeiros.

Caracterizada por possuir uma arquitetura vernácula<sup>2</sup> peculiar, como registra Oliver (1997), a Chapada Diamantina preserva ainda na sua paisagem atual diversos modelos arquitetônicos particulares, além de sítios tombados como patrimônio nacional, pela

---

<sup>1</sup> Nomenclatura padronizada que engloba um conjunto de técnicas análogas cuja nomenclatura pode variar por região brasileira, podendo ser denominada de pau a pique, taipa de mão e taipa de sopapo.

<sup>2</sup> O conceito de arquitetura vernácula é recente em todo mundo, tendo seu interesse introduzido na Inglaterra do final do século XIX (Teixeira, 2008). Diversos autores, estudiosos do tema, já apresentaram definições a respeito, arraigadas ou não, propondo também nomenclaturas distintas para designar conjunturas análogas, restritas ou ainda mais abrangentes. Este trabalho não tem como objetivo fomentar essa discussão, tampouco limitá-la, sendo assim, esta abordagem não será aprofundada nesta oportunidade.

influência da arquitetura colonial e da atividade garimpeira, ambas no século XIX. A autoconstrução, predominante em diversas vilas, distritos e até cidades na região, apresenta-se como uma característica intrínseca, representada pela perpetuação de saberes tradicionais construtivos por entre gerações, possibilitando a formação de mestres artífices, que dominam a arte de construir com pedra, adobe, fibras naturais – geralmente empregadas na cobertura - e madeiras locais.

Porém, apesar das residências conservarem de forma geral, o mesmo programa comum, evidencia-se uma maior dessemelhança entre elas, notadamente pela diversidade de material de construção empregado e da técnica construtiva, sendo dominante o uso da estrutura autônoma de madeira com vedação em adobe ou técnica mista, além das alvenarias de pedra, a partir de habitações térreas – típico das casas mais antigas, como nas zonas auríferas – com plantas retangulares, lotes estreitos e profundos, fachadas em arcos plenos, arcos abatidos e apontados, sendo lindeiras às ruas, sem recuos laterais ou frontais, com ou sem quintal na parte posterior do terreno. Os sobrados, mais recentes, denotam influências ora do Neoclássico ora do Neogótico, difundido muito cedo na região, assim como vãos em forma de mitra – simplificação do arco ogival – comumente encontrados em cidades mineiras, como Ouro Preto e Diamantina (Costa 2018; Azevedo, 1987).

A vila de Caeté-Açú, popularmente conhecida como Vale do Capão, pertencente ao município de Palmeiras, abriga na sua paisagem diversos tipos vernáculos intrínsecos à Chapada Diamantina. A região, de intenso fluxo turístico atualmente, teve seu surgimento fomentado não só pelo exercício do garimpo diamantífero, mas também pela cultura do café, chegando a ser uma das principais zonas produtoras da Bahia, no início do século XX (Nogueira, 2003). As habitações tradicionais locais predominam-se térreas, em adobe ou pedra, quase que geminadas, o que segundo Nascimento (2008), denota um modelo urbano em estágio embrionário sob forte influência do modo de vida rural.

O conjunto urbanístico, arquitetônico e paisagístico do distrito de Igatu, também conhecida como Cidade de Pedras, localizada no município de Andaraí, estado da Bahia, teve seu perímetro tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no ano 2000, preservando ruínas e habitações de pedra, material de construção com maior tradição na região. Não obstante, sua paisagem representa vestígios históricos e arquitetônicos do período diamantífero, preservando-se na região técnicas construtivas vernáculas, tendo a pedra como material de construção protagonista, que na ocasião tratava-se dos excedentes de mineração – uma vez que o solo local não é abundante, tampouco ideal para construção - nos mais diversos empregos construtivos, principalmente na pavimentação, coberturas, alvenarias e alicerces, e que constituíram a tipologia habitacional da vila na época e permeiam a paisagem cultural e arquitetônica da vila atualmente.

Com o advento do turismo na região, evidenciou-se um povoamento crescente na vila, como enfatiza Oliveira e Carvalho (2016, p.12) quando afirma que “a construção de novas casas e o aquecimento do setor imobiliário na comercialização de lotes associado à especulação imobiliária, constituem características da urbanização turística na vila”. Por outro lado, nota-se uma importante preocupação em manter a tradição das construções com pedra na região, principalmente pelo IPHAN, que segundo Oliveira e Carvalho (2016), tem realizado o controle na construção dessas novas casas, as quais devem atender aos parâmetros definidos pela instituição, mantendo as fachadas predominantemente em pedra, entre outras recomendações que visam garantir a preservação da paisagem histórica de Igatu.

### **3 VILA DE CAMPOS DE SÃO JOÃO**

Com localização geograficamente privilegiada, por estar numa região equivalentemente próxima dos mais atrativos pontos turísticos da Chapada Diamantina – municípios de Lençóis e Palmeiras (Vale do Capão) - a vila de Campos de São João (figura 1), distrito do município de Palmeiras, acomoda-se harmoniosamente no vale que se estende à cabeceira

do morro Pai Inácio e da Serra da Bacia. À sua direita, encontra-se o Morro do Camelo, um dos principais cartões postais da região. A vila é praticamente lindeira à BR-242, as primeiras casas estão a menos de 2 km da rodovia.

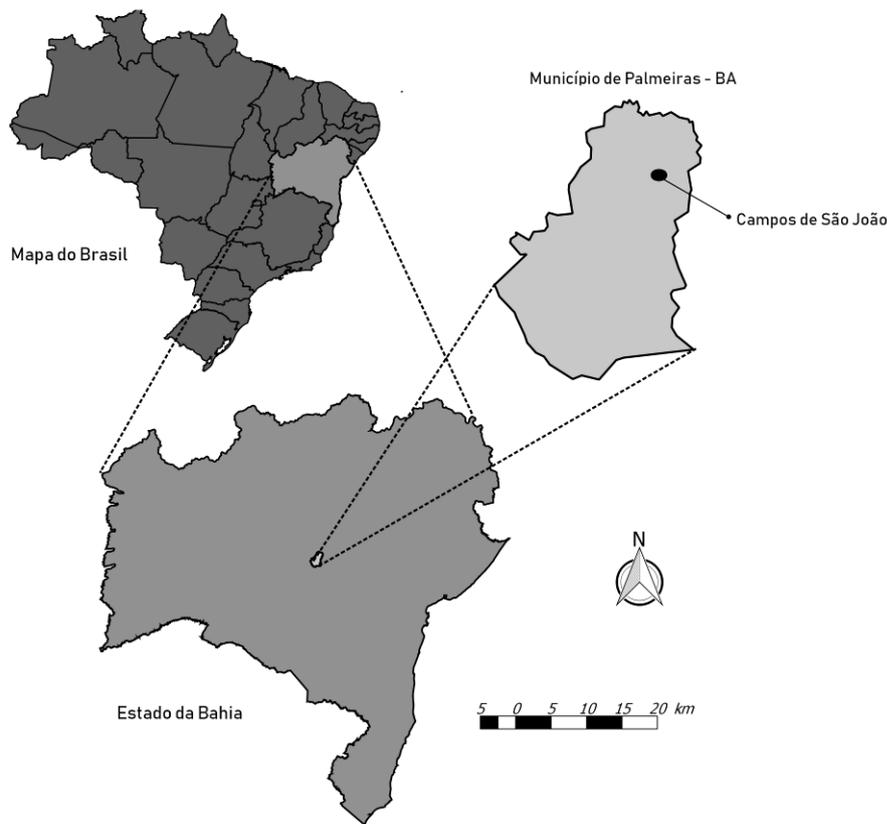


Figura 1. Mapa de localização da vila de Campos de São João, Bahia, Brasil.

O povoamento da vila formou-se a partir do interesse pela atividade diamantífera, símile à outras vilas chapadenses de origem contemporânea, em meados do século XIX, que viveu tempos prósperos na época de abundância do diamante. Tempos depois, no século XX, a vila foi acometida por disputas políticas, oriundas do coronelismo, que teve seu ciclo encerrado em na década de 1930, o que resultou num longo período de estagnação da vila, que atualmente tem buscado alternativas para sustentar a economia local, baseada no comércio informal, turismo ecológico e hospedagem.

As construções históricas coexistem no povoado junto a outras de diversas épocas e características arquitetônicas. Destacam-se a capela de São João, edificada em 1918; o casarão de Joaquim Pinto e a casa dos doces, cuja construção é datada do final do século XIX<sup>3</sup>. Atualmente a vila mantém seu crescimento num ritmo incipiente, ainda com a chegada sazonal de turistas e ou novos moradores forasteiros, geralmente em busca de um estilo de vida mais ameno e saudável. Por outro lado, há alguma preocupação quanto ao futuro da vila no que tange sua preservação urbanística e ambiental, uma vez que a tendência pela especulação imobiliária e aumento do fluxo turístico, como registrado em regiões vizinhas (Vale do Capão e Igatu), se não previstos ou controlados, podem apresentar consequências pejorativas para todo o contexto local.

Além disso, a herança da atividade diamantífera resulta hoje na presença de mestres artífices locados na vila, que com a experiência adquirida no manejo e extração de pedras, possuem o domínio da sua utilização tanto como material de construção como matéria prima para diversas modalidades de artesanato. Porém, devido à desvalorização desse ofício e

<sup>3</sup> <http://camposdesaojoao.com.br/>

também da própria pedra como material de construção, resultado da ascendência das técnicas convencionais de construção, muitos desses mestres acabam por criar novas alternativas de sustento familiar, se inserindo em atividades das mais diversas naturezas e em alguns casos atuando fora do povoado, em detrimento da propagação e manutenção do patrimônio cultural e histórico que caracteriza a paisagem da vila.

## 4 MÉTODOS

As pesquisas no campo da arquitetura vernácula têm objetivado uma abordagem multidisciplinar (Carter; Cromley, 2008 apud Vale; Rezende, 2017; Moreira; Rezende, 2018a). Assim, a metodologia proposta neste trabalho buscou correlacionar e ampliar os diferentes aspectos analíticos no contexto da vila de Campos de São João, o que possibilitou compreender com maior nível de esclarecimento as transformações, desafios e potenciais no âmbito avaliado. Foram então considerados aspectos culturais, geográficos, históricos e sociais, buscando identificar suas respectivas influências na arquitetura vernácula da região.

Esta pesquisa foi dividida em dois momentos distintos e mutuamente complementares. O primeiro deles deu-se a partir da vivência local, inserida no cotidiano da vila de Campos de São João, durante o período de acompanhamento da construção de uma edificação térrea, em 2017. Nessa etapa, foram coletadas informações com habitantes e ativistas locais, realizando-se também um levantamento fotográfico expressivo e acompanhamento contemplativo de toda a dinâmica da vila: relações sociais, celebrações culturais, recursos naturais e contextualização histórica.

Num segundo momento, foi realizada uma revisão bibliográfica suficiente à reunião de dados que subsidiaram a definição da relevância cultural, histórica e de atuação da pesquisa, permitindo-a contribuir pontualmente para continuidade da discussão e valorização da arquitetura vernácula da Chapada Diamantina.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1 Arquitetura vernácula em Campos de São João

A identidade da vila se traduz num aspecto bucólico e pacato, predominada pela população transeunte nativa e pelo modo de vida interiorano, o que evidencia uma atividade turística ainda incipiente, apesar das diversas riquezas naturais, oferta de hospedagem e gastronomia presentes no entorno. A disposição do casario apresenta-se principalmente distribuída por entre as duas vias principais de acesso à rodovia que tangencia a vila, apresentando certo espraiamento nas regiões periféricas, estas que se mostram como possível sítio de crescimento urbanístico futuro do povoado. As casas apresentam um modelo arquitetônico recorrente da paisagem chapadense, o qual é possível identificar a predominância de residências térreas, ora com alvenaria autoportante de pedra ora com estruturas de madeira e adobe, nas habitações tradicionais. Nas residências mais recentes, emprega-se predominantemente o tijolo cerâmico na vedação. Nas coberturas, o telhado cerâmico é uma constante em todo o aglomerado urbano.

A tradição na utilização da pedra, do adobe e da técnica mista como técnicas construtivas locais perdura até os tempos atuais, perpetuada pelo conhecimento prático de mestres artífices, que também dominam a arte de trançar a palha do licuri (*Syagrus coronata*) para construção de coberturas perenes ou temporárias. Por outro lado, as novas gerações vêm perdendo o interesse pelo aprendizado dessas técnicas construtivas, agravado pela crescente demanda local por materiais de construção convencionais, o que acarreta na perda da tradição e cultura regional e por consequência na degradação do patrimônio histórico e paisagístico da vila.

Como instrumentos analíticos para pesquisa, foram selecionadas três residências distintas, edificadas com técnicas construtivas comumente encontradas na região. Como requisitos de

eleção, priorizou-se o sistema construtivo com terra, características arquitetônicas peculiares e a localização geográfica da edificação.

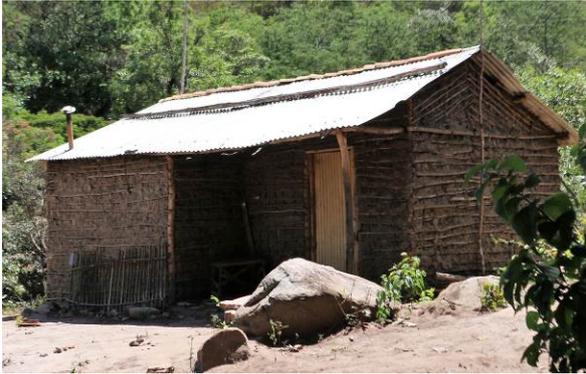


Figura 2. Tipo habitacional vernácula 1



Figura 3. Tipo habitacional vernácula 2.  
(<http://camposdesaojoao.com.br/>)



Figura 4. Tipo habitacional vernácula 3

O tipo habitacional 1 (figura 2) representa uma habitação tipicamente rural na região, cuja concepção assemelha-se às tipologias encontradas no semiárido nordestino. Caracterizada pelas paredes em técnica mista sem revestimento externo, preenchendo a estrutura principal de madeira e uma cobertura leve, com telhas de fibrocimento fixadas numa trama estrutural composta por madeiras extraídas no entorno. A casa apresenta telhado com duas águas, de caráter substancialmente simplista. A varanda estrategicamente locada permite uma área de sombra durante o horário de sol mais intenso do dia. Nos arredores da edificação, encontram-se vestígios da criação de animais, porém em escala de subsistência. O caminho de acesso da residência até a vila requer uma caminhada de 40 min a 60 min por entre a vegetação ora densa ora de médio porte da caatinga local. Na oportunidade da visita não havia habitantes no interior da residência, porém, seu estado de conservação, além dos diversos objetos locados no seu arredor, evidenciavam sua efetiva habitabilidade. De maneira geral, as habitações em técnica mista apresentam menor incidência na zona central da vila, por outro lado são mais comuns na zona rural, principalmente nas regiões mais afastadas.

Com iminente influência da arquitetura colonial já na fachada, o tipo habitacional 2 (figura 3) representa um modelo muito comum na vila, geralmente encontrado em tamanhos menores, com uma ou duas janelas na fachada. A edificação selecionada possui o adobe nas paredes portantes que sustentam o telhado e madeira com cobertura de telhas cerâmicas. De acordo a proprietária da residência, onde também funciona como local para venda de diversos produtos fabricados artesanalmente pela família, a casa já abrigou no mínimo três gerações da família, com uma idade estimada em 300 anos.

Os adobes produzidos na vila são geralmente obtidos a partir da simples conformação manual do barro<sup>4</sup> em moldes de madeira e secos naturalmente, posterior à desforma. Há

<sup>4</sup> Barro é a mistura, homogênea e plástica, de terra e água.

uma preferência no uso de terras oriundas de montículos de cupim para fabricação do adobe, pois apresentam maior estabilidade volumétrica, resistência mecânica e a abrasão, conferindo-lhes maior durabilidade. A utilização de fibras neste caso é dispensada, sendo incomum na região, assim como o uso de outras adições ou aditivos estabilizantes. Quanto a dimensão, predominam-se dimensões médias de 10 x 15 x 30 cm (altura x largura x comprimento). O solo característico local indica presença expressiva de óxidos de ferro, devido a coloração predominantemente avermelhada. Quanto ao acabamento das paredes, as casas localizadas no perímetro urbano da vila possuem, majoritariamente, revestimento externo, o que impede, em alguns casos, a identificação visual do método construtivo. Por outro lado, as habitações localizadas na zona rural do entorno da vila, geralmente não possuem reboco externo, evidenciando a presença dos adobes como método construtivo.

O uso da pedra como material de construção nas residências na vila de Campos de São João é comum, e está presente também na pavimentação das ruas principais que entrecortam a vila – resquícios do trecho da Estrada Real do Garimpo – no alicerce das residências, como revestimento para paredes – interno ou externo – e também em coberturas, porém com menor recorrência. A alvenaria de pedra praticada na região não utiliza argamassa de assentamento: as pedras são sobrepostas diretamente umas sobre as outras, o que requer bastante precisão e uma cuidadosa triagem das pedras pelos mestres construtores. Não obstante, o tipo habitacional 3 (figura 4) representa uma habitação bastante peculiar na região, com estrutura mista de técnica mista e pedras nas paredes e cobertura com telhas feitas em pedra. Trata-se de uma modalidade construtiva rara na paisagem da vila, principalmente pela cobertura empregada, aberturas reduzidas (comuns em regiões semiáridas) e paredes bastante espessas. A residência encontra-se a uma distância aproximada de 10 km ao centro da vila, pertencente à zona rural periférica e isolada, o que evidencia uma arquitetura tradicional do período diamantífero realizada pelos primeiros garimpeiros na chapada, sem o indício do emprego de qualquer material de construção industrializado. A casa, antes habitada, está agora fechada e com sinais de deterioração.

A variabilidade das técnicas construtivas empregadas, tanto na vila como no seu entorno, evidencia ausência quanto a influência deste parâmetro na sua paisagem, seja por questões estéticas, turísticas ou legais, como apresentadas em outras regiões como no distrito de Bichinho (Vale; Rezende, 2017) e no povoado da Lapinha da Serra (Moreira e Rezende, 2018b), ambos no Estado de Minas Gerais, e na vila de Igatu, no Estado da Bahia (Oliveira e Carvalho, 2016). Essa particularidade está proporcionalmente ligada à especulação imobiliária local, não tão voraz como em regiões vizinhas supracitadas, assim como pelo menor impacto da atividade turística, que não atua de maneira protagonista, como constatado em outrem. Essas constatações terminam por não ditar algum “ritmo” à vila, que permanece urbanisticamente adormecida, com pouca ou nenhuma atividade noturna, preservando de fato a sensação de bucolismo interiorano. Por outro lado, nota-se algum interesse por reavivar a utilização das técnicas vernáculas nas novas habitações, fomentada pela lenta chegada de forasteiros entusiastas que se encantam pela região, escolhendo-a como residência fixa ou sazonal, em busca de uma condição de vida mais amena, remansosa e ambientalmente saudável. Esse interesse em valorizar, preservar e incentivar a cultura local é de fato uma iniciativa salutar para a preservação da vila, que lentamente, por falta de incentivo de políticas públicas, tende a ser influenciada subjetivamente pelas tendências urbanas modernas, em detrimento da sua essência histórica e cultural. Porém, é necessário haver alguma cautela nessa prática, uma vez que a supervalorização estética da paisagem da vila pode vir a tornar-se um problema estrutural, que tem como consequência a especulação imobiliária e demográfica, o que pode acarretar na aceleração dos mesmos problemas causados pela completa ausência dessas intervenções, porém nesse caso, de forma mais acelerada e quiçá irreversível.

## **5.2 Construção com terra na vila: um relato de experiência**

Devido à perda pelo interesse das novas gerações da vila de Campos de São João pelas técnicas de construção vernáculas, principalmente a alvenaria de pedra e o adobe,

substituídas pelos tijolos cerâmicos, a grade maioria dos construtores locais domina apenas as técnicas convencionais de construção. Para os que ainda preservam o conhecimento e apreço pelos métodos construtivos tradicionais, necessitam buscar outros aprendizados para prover sua renda familiar, uma vez que raramente são requisitados para tal trabalho. Essa realidade tornou o adobe e a pedra, bastante comuns em tempos de outrora na região, paradoxalmente estranhas à maioria dos construtores locais.

Esta etapa relata o desafio vivenciado pela tentativa no resgate do uso de técnicas de construção com terra – adobe e técnica mista – em consonância com práticas construtivas mais modernas junto a construtores locais, além da introdução de técnicas mais recentes – terra ensacada – como método construtivo para execução de uma edificação térrea, nas dependências do terreno da ONG Casa de Maria, localizada nas proximidades do centro da vila de Campos de São João. A iniciativa junto à comunidade nasceu justamente na ausência de mão de obra capacitada na região para a execução do projeto, que, apesar de possuir alguma experiência prática em construções com uso do adobe e da técnica mista, devido à baixa utilização dessas modalidades em habitações de médio padrão, perderam o interesse pelo aprendizado da técnica em escala profissional. Essa constatação evidencia indícios na perda da identidade na comunidade no manuseio de técnicas tradicionais, acentuada pela utilização de técnicas convencionais, importadas em outros contextos urbanos, descaracterizando a região. Sobre a ONG Casa de Maria:

A Casa de Maria é uma organização social voltada para a promoção e desenvolvimento feminino e o fortalecimento do ser mulher nas esferas social, política, educacional, cultural, de geração de renda e cidadania, no sentido de empoderá-la e fortalecer suas condições para participar de forma efetiva na sociedade da qual faz parte. Em sua sede em Campos de São João (município de Palmeiras) disponibiliza instalações, equipamentos, atividades e projetos de socialização direcionados ao desenvolvimento e autorrealização da mulher. No Jardim das Sementes – Educação recreativa, as crianças são contempladas com técnicas educativas fundadas na pedagogia Waldorf, na vivência agroecológica, na valorização dos saberes tradicionais e no desenvolvimento humano integral.<sup>5</sup>

A edificação em questão, denominada Estação Natureza (figura 5), apresenta-se como um centro de práticas pedagógicas infantis, voltado para a educação recreativa e socialização de crianças locais. A proposta do projeto englobou premissas como: forno de barro, pia, mesas, nichos para objetos, iluminação natural predominante, técnicas de construção com terra – adobe, técnica mista, terra ensacada – e materiais localmente acessíveis (utilizando-se predominantemente areia, pedra, solo argiloso, madeira e fibras naturais, todos extraídos na região) e um amplo espaço para atividades infantis, conforme foram atendidas pelo projeto final executivo proposto.

A fundação foi executada com pedra argamassada e sapata em concreto armado para os pilares de eucalipto. O piso em cimento queimado e a vedação lateral com técnica mista – conhecido localmente como cipó-a-pique, por utilizar como fixador na trama de madeira o cipó caititu (*Tayassu tajacu*) comum na região. Para a conformação de paredes curvas utilizaram-se adobes e terra ensacada com sacos de malha plástica PEAD (polietileno de alta densidade), tipo *Raschel*. Na estrutura da parede e cobertura, utilizou-se eucalipto tratado e, como complemento na cobertura, placas de OSB (painel de tiras de madeira orientada) sobrepostas por palhas de licuri trançadas e fixadas sobre a estrutura, pelo mestre artesão local.

A execução da edificação em questão apresentou diversos desafios, principalmente pela falta de empatia pelos colaboradores, contratados na região, no emprego das técnicas de construção com terra da maneira proposta, além da escassez de técnicas construtivas na região, principalmente durante a montagem da estrutura de cobertura – proposta a partir de vigas recíprocas autoportantes.

---

<sup>5</sup> <http://camposdesaojoao.com.br/>

A estrutura organizacional da equipe envolvida no projeto seguiu rotinas de capacitações práticas e teóricas para cada nova etapa construtiva, no ambiente da obra, junto aos colaboradores que paulatinamente desenvolveram e ou aprimoraram o manuseio, respeito e admiração pelas técnicas vernáculas – adobe e técnica mista - e também pela terra ensacada, utilizada no projeto, porém até então nunca executada na região (figura 6).



Figura 5. Estação Natureza em Campos de São João, Brasil



Figura 6. Colaborador local realizando a etapa de revestimento em paredes de terra ensacada durante a construção da Estação Natureza

O envolvimento de atores locais junto ao desenvolvimento da obra evidenciou o potencial construtivo e arquitetônico das técnicas empregadas, desconstruindo preconceitos. Assim, notou-se o interesse comum da comunidade e também dos construtores por conhecer melhor tais técnicas, o que resultou em constantes visitas à obra por curiosos locais e também na realização de um curso aberto para a comunidade local e externa, propondo o contato prático e teórico sobre os métodos construtivos tradicionais – adobe e técnica mista – e uma mais recente – terra ensacada - fomentando e incentivando a valorização da arquitetura de terra e sua continuidade e aprimoramento na vila.

Os resultados obtidos nessa etapa apresentaram-se especialmente relevantes no contexto histórico, cultural, ambiental e arquitetônico da vila. Uma vez que, ainda que de maneira pontual e restrita, fomentou numa parcela da comunidade local a valorização e resgate pelas técnicas vernáculas, apresentando-lhes novas conformações arquitetônicas com a utilização de métodos há muito conhecidos pelo povoado, e que com a perda pelo interesse, passaram a atuar de forma desapercibida pelos anseios da população local.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A priorização pela preservação e manutenção do patrimônio histórico da Chapada Diamantina apresenta-se como uma prática essencialmente positiva principalmente para a comunidade local, a partir do fomento da atividade turística regularizada e fiscalizada, que influi direta e indiretamente nas questões econômicas, na perpetuação da cultura, conscientização social e histórica do povo e valorização do espaço, tanto pelo habitante como pelo visitante.

Assim, o registro, a catalogação e a discussão a respeito dos aspectos que engendram a paisagem natural e arquitetônica do distrito de Campos de São João faz-se necessário no sentido de elencar e até prevenir possíveis tendências ocorridas em outras regiões inseridas num contexto análogo, marcadas pela especulação imobiliária, alta atividade turística e descaracterização ou supervalorização das paisagem cultural, ocasionando na perda da identidade principalmente pelo processo de gentrificação nessas regiões.

Foi então esclarecida, nesta oportunidade, a necessidade no fomento a iniciativas sociais e implantação de políticas públicas de preservação e resgate desses sítios, atuando junto à comunidade, conscientizando-a do seu papel fundamental e tornando-a protagonista na dinâmica do crescimento planejado e controlado dessas regiões, evitando danos irreversíveis para o acervo natural, histórico, cultural e arquitetônico da Chapada Diamantina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Azevedo, P. O. (1987). Por um inventário do patrimônio cultural brasileiro. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 22, p.82-85.
- Bosman, G.; Whitfield, C. (2014). Perceptions of vernacular architecture. In: *Vernacular architecture: Towards a Sustainable Future*, Proceedings of the international conference on vernacular heritage, sustainability and earthen architecture, Valencia, Spain. p. 157-162.
- Costa, C. B. B. (2018). Bioarquitetura na Chapada Diamantina, Bahia: uma alternativa de moradia para os municípios do parque nacional. 7º Congresso Brasileiro de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil – TerraBrasil, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, p. 518-525.
- Glassie, H. (1990). Architects, vernacular traditions, and society. *Traditional Dwellings and Settlements Review*, p. 9-21.
- Martins, R. O. (2015). Vinha na fé de trabalhar em diamantes. *Escravos e libertos em Lençóis, Chapada Diamantina-Ba (1840-1888)*. Dissertação de Mestrado. Brasil: Universidade Federal da Bahia, Bahia.
- Moreira, M. M. K.; Rezende, M. A. P. (2018a) Anomalias patológicas na alvenaria de adobe: descontinuidade da tradição na Lapinha da Serra, MG. 7º Congresso de Arquitetura e Construção com Terra no Brasil. TerraBrasil 2018. Anais... Rio de Janeiro: Terra Brasil/UFRJ, p. 264-272.
- Moreira, M. M. K.; Rezende, M. A. P. (2018b) Arquitetura vernácula na Lapinha da Serra, Brasil: motivos e perspectivas de sua preservação. 18º Seminário Ibero-americano de Arquitetura e Construção com Terra. La Antigua Guatemala, Guatemala: USAC-CII/PROTERRA. p. 345-356.
- Nascimento, M. M. (2008). Do urbano ao rural: um estudo sobre a relação entre "nativos", os "de fora" e o movimento alternativo no Vale do Capão / Bahia. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, UnB, Brasília.
- Nogueira, A. C. C. (2003). Nativos, alternativos e crescimento urbano – Vale do Capão – Chapada Diamantina/BA 1983-2003. Monografia. Brasil: Universidade Estadual da Bahia, Bahia.
- Oliveira, G. A.; Carvalho, D. A. (2016). Urbanização turística e ressurgimento da Vila de Iगतu, Andaraí/Bahia. In: IV Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, Ituiutaba, Minas Gerais. p. 1-16.
- Silva, A. J. de C. L. (1994). O supergrupo espinhaço na Chapada Diamantina centro-oriental, Bahia: sedimentologia, estratigrafia e tectônica. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo.

Teixeira, C. M. (2008). Considerações sobre a arquitetura vernácula. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v. 15, n. 17, p. 28-45.

Vale, J. L. R.; Rezende, M. A. P. (2017). Arquitetura vernácula – uma análise do uso do adobe no distrito de Vitoriano Veloso (Bichinho), Minas Gerais, Brasil. In: XIV CIATTI – Congreso Internacional de Arquitectura de Tierra: Tradición e Innovación, Ciudad de México, México.

## **AUTORES**

Daniel Pinheiro Santos, Engenheiro Civil (UNIVASF, 2018); pós-graduado em Sistemas Tecnológicos e Sustentabilidade Aplicados ao Ambiente Construído pela Escola de Arquitetura da UFMG (2019) e mestrando em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura da UFMG. Engenheiro projetista e de obra na Cobi – Arquitetura e Engenharia. Membro da Rede TerraBrasil.

Caio Martins Caires, Arquiteto (UNIFACS, 2015). Arquiteto na Cobi – Arquitetura e Engenharia. Membro da Rede TerraBrasil.

Marco Antônio Penido de Rezende, Arquiteto (UFMG, 1987); Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFMG, 1998); Doutor em Construção Civil (POLI-USP, 2003). Pós-doutorado em Preservação Histórica (Universidade de Oregon, EUA, 2010). Professor Associado do Depto. de Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo da EA-UFMG. Pesquisa, extensão, ensino e publicações na área de Arquitetura de Terra, Técnicas Restrospectivas e Técnicas históricas, vernáculas e sustentáveis.